

ROQUENTIN E A DESILUSÃO ANTE A HISTÓRIA NO ROMANCE A NÁUSEA DE SARTRE

Autor(es): Francisco Nicolau Araújo¹ ; Marcos Fábio Alexandre Nicolau²

¹ Discente do Mestrado Acadêmico em Filosofia – CENFLE – UVA; E-mail: nicollau085@gmail.com, ² Docente do Mestrado Acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Vale do Acaraú - MAF/UVA. E-mail: marcos_nicolau@uvanet.br.

Resumo: O presente estudo analisou o romance a Náusea, com o intuito de compreender os motivos que levaram Sartre, através de Roquentin, a recusar a história por meio da desilusão. Para essa pesquisa foi considerada a hipótese exposta por Thana Mara, de que ao ultrapassar a história coletiva, Sartre orientava para uma história contingente, e ainda Caio Liudvik, que defendeu o recurso à poética do mito, como um artifício político para rejeitar a ideia de um progresso da história positivista. Ressaltamos que a proposta de Mara, tenderia a enrijecer a ideia de um primeiro Sartre solipsista, e que o recurso ao mito, teria outras intenções fora da perspectiva política, visto que o próprio Sartre se definiu mais tarde como apolítico nesse período de sua vida. Ao fim, observamos que objetivo de Sartre era evidenciar por meio da desilusão, a rejeição a algo para qual ele ainda não estava pronto para discutir.

Palavras-chave: A Náusea. Roquentin. Desilusão. História.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

Em 1938, Sartre finalmente publica A Náusea, o romance, em realismo subjetivo em sua maior parte, narra o momento em que o historiador Antoine Roquentin, se destina a Bouville com a intenção de biografar o marquês de Rollebon. Nesse percurso, o personagem é acometido por um mal-estar, a *náusea*, uma condição angustiante que desvelou através dos acontecimentos cotidianos, a contingência da existência humana. Por conseguinte, afetado por uma crise existencial, Roquentin reflete sobre sua liberdade, e buscando um novo sentido para a vida, conclui que: “um livro de história, fala do que existiu - jamais um ente pode justificar a existência de outro ente.” (SARTRE, 2006, p. 220). Assim, o protagonista toma consciência de que a própria “História” é uma ficção (LIUDVIK, 2021, p. 278). Por fim, o historiador se desiludi com a pesquisa histórica e se inclina a escrever um romance.

O trajeto retratado através de Roquentin, permite a leitura de que é necessário se desiludir com a história para alcançar a liberdade. Tempos mais tarde, em O Ser e o Nada (1943), ao analisar a relação entre consciência/liberdade e mundo, o filósofo formula o conceito de situação, e nesse ponto o tema história ressurgiu através da seguinte indagação: a história tem um sentido? (SARTRE, 2015, p. 667). A resposta nem mesmo é aventada, e a pergunta já é considerada, por enquanto, “*insolúvel*”.

Logo, o que podemos perceber nas obras de Sartre até início dos anos 40, é que sobre a história há sempre uma perspectiva de desilusão, traduzida pela rejeição, recusa ou em

reticências. Condição que pode ser entendida como uma característica assumida posteriormente do seu famoso apolitismo durante anos iniciais da segunda guerra mundial. O próprio Sartre explica [...] em 1939 não fazia política. Me ocupava de literatura, vivia com meus amigos, era feliz. (SARTRE, 1986, p.9). Essa posição só iria ser reconsiderada durante a resistência francesa ao governo de Vichy na ocupação da França pela Alemanha nazista, nesse período Sartre participou ativamente dos movimentos de insurreição.

De fato, Sartre só iria se converter a história quando está se colocasse de forma inexorável, e isso só aconteceu quando ele buscou uma aproximação com o marxismo, o que resultou na obra *Crítica da Razão Dialética* 1960. Mas o que interessa aqui é analisar os motivos que levaram Sartre, por intermédio de Roquentin, a recusar a história por meio da desilusão.

MATERIAL E MÉTODOS

O seguinte estudo se deteve principalmente na interpretação minuciosa da obra *A Náusea* (1938), e nas análises da obra, produzidas por seus principais comentadores no Brasil, a exemplo dos artigos de Thana Mara de Souza – *A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura histórica*, 2009; e Caio Liudvik - *Crise existencial e poética do mito em A náusea*, de Sartre, 2021.

Um outro ponto, é a consideração durante o trabalho de algumas noções já consolidadas mundialmente sobre a filosofia de Sartre, como divisão de seu pensamento em dois momentos, e algumas críticas e observações feitas por comentadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Muitos comentadores da obra de Sartre no Brasil e no mundo, a citar Herbert Marcuse, François Dossé, Istvzan Mészáros e Paulo Perdígão; interpretam seus escritos a partir da assunção de uma cisão fundamental entre seus textos, partindo da concepção que divide a filosofia sartriana em dois momentos principais se considerado a abordagem que o autor faz da história, um marcado pelo solipsismo abstrato das análises presentes na *Náusea* e em *O Ser e o Nada*, e outro fincado na busca por uma aproximação entre o marxismo e o existencialismo, o primeiro acusado da ausência de preocupações históricas, e o segundo caracterizado pela interpretação das questões sociais, análises condensadas na obra *Crítica da Razão Dialética*.

Mas, até que ponto é possível afirmar que esses dois momentos configurariam uma descontinuidade na filosofia de Sartre? Thana Mara em seu artigo *A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura histórica* (2009), rejeita essa posição, demonstrando que há sim preocupações históricas no romance *Náusea*, e que se o primeiro Sartre se desilude com a História como encadeamento de necessário de fatos, é para fazer surgir uma história contingente realizada por “apenas indivíduo” (MARA, 2009, p.103). Ora, uma história contingente tal qual assinala Mara, nos faz voltar ao ponto do solipsismo do primeiro Sartre, e tende a reforçar a ideia de uma ruptura em sua filosofia.

Já Caio Liudvik, em seu texto *Crise existencial e poética do mito em A náusea* (2021), propõe que Sartre ao utilizar o recurso da poética do mito, retoma uma tradição de rejeição à uma história positivista, ou seja, da credibilidade da própria História enquanto progresso contínuo (LIUDVIK, 2021, p. 258). Assim sendo, teríamos que aceitar que o objetivo de Sartre teria no fundo um desejo político. Entretanto, como assinalado anteriormente o próprio Sartre afirma ter se esquivado de questões do âmbito político durante o período de produção e publicação que engloba a *Náusea*.

Logo, é preciso determinar qual o motivo que levou Sartre a se desiludir com a história por meio de Roquentin, e essa é uma resposta que não estaria na própria Náusea, visto é uma obra pretensamente narrativa, embora com indagações filosóficas. Mas, onde estaria afinal essa resposta? Na segunda obra do que poderíamos considerar o primeiro momento de Sartre, ou seja, *O Ser e o Nada*, pois é nesse livro que Sartre finda a discussão de forma temporária, citamos: “a história deve se concluir ou somente *parar*?” (SARTRE, 2015, p. 667). Assim sendo podemos constatar que para Sartre, esta questão não estava resolvida, e que talvez seja fosse irresolúvel por enquanto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS ou CONCLUSÃO

Decerto é possível perceber um movimento que vai da recusa à conversão para a História nos escritos de Sartre, principalmente se considerado os textos publicados no intervalo entre os anos 30 e 60, no entanto afirmar que isso seja fruto de uma descontinuidade em sua filosofia é uma posição no mínimo temerária, visto que Sartre não abandona as teses defendidas nas primeiras décadas de sua produção. Contudo, é possível identificar uma clara mudança de posição sobre a história se analisarmos *A Náusea/ O Ser e o Nada* e a *Crítica da Razão Dialética*. Mas, devido as reticências, e a dificuldade que nosso autor apresentava ao tratar sobre o assunto em seus primeiros textos, a única afirmação que pode ser feita de forma segura, é que a desilusão de Roquentin, era sobretudo a reação para algo que ele ainda não reunia elementos suficientes para discutir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente à Pró-reitoria de pesquisa e pós-graduação da UVA - PRPPG, pelo apoio à pesquisa através desses encontros promovidos. Aos professores que compõem o corpo docente do Mestrado Acadêmico em Filosofia (MAF) da UVA, especialmente a pessoa do atual coordenador, e meu orientador professor Dr. Marcos Fábio Alexandre Nicolau.

REFERÊNCIAS

LIUDVIK, C. *Crise existencial e poética do mito em A náusea, de Sartre*. In: **O que nos faz pensar** (Rio de Janeiro), v.29, n.49, p.256-287, 2021. Disponível em: <http://oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqfnfp/article/view/777/688>. Acesso 12.11.2021.

SARTRE, J.-P. *A Náusea*. Trad.: Rita Braga. Ed. 1ª. especial. RJ: Nova Fronteira, 2006.

SARTRE, J.-P. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 24ª Ed. Trad.: Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2015.

SARTRE, J.-P. *O testamento de Sartre*. Porto Alegre, L&PM Editores, 1986.

SILVA, F. L. e. *Metafísica e História no romance de Sartre*. In: *Cult - Revista Brasileira de Literatura*, n. 34, pp. 58-63, maio de 2015.

SOUZA, T. M. A presença da história no “primeiro” Sartre: Roquentin e a náusea frente a ilusão da aventura heroica. **Princípios**, Natal, v.16, n.26, jul./dez. 2009, p. 87-10. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/764/706>. Acesso 22.11.21